

O Brasil não pode pagar. Esta tese assusta a grande conferência de Washington.

A economista Eliana Cardoso explicou para a sala lotada de banqueiros, diplomatas e economistas do Banco Mundial, do FMI (Fundo Monetário Internacional) de empresas norte-americanas, que não se deve mais perguntar "se o Brasil pode pagar a dívida, ou se deve, mas, sim, se quer". Então acrescentou: "Não há vontade de se gastarem 5% do PIB (Produto Interno Bruto), todos os anos, para pagar os juros da dívida".

A declaração agitou tanto a sessão do Brasil na Conferência Sobre a Dívida de Países em Desenvolvimento promovida pelo National Bureau of Economic Research, em Washington, que alguns observadores do Ministério das Finanças e da Embaixada no Brasil comentaram, no final: "Alguns assistentes ficaram aterrorizados".

Um desses assistentes insistiu em que "não estou persuadido de que o Brasil não possa pagar sua dívida". Eliana Cardoso, da Universidade de Tufts, em Boston, não só repetiu o que já tinha dito, como acrescentou: "Não há apoio político para o governo anunciar que vai dirigir o País de novo a um programa de austeridade".

Como os bancos poderiam rea-

gir? — foi a questão levantada para John Williamson, do Institute For International Economics. Pouco antes, Eliana Cardoso, casada com o economista Rudiger Dornbusch, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, lembrara que os bancos continuaram emprestando a quem não paga, ao longo da história, e que "não pensaram duas vezes para emprestar ao Brasil nos anos 70".

John Williamson enumerou, como primeira consequência, a suspensão imediata de crédito para o Brasil. Depois, o isolamento que o tornaria parecido com o Irã, obrigado a fazer suas transações internacionais indiretamente. E, por fim, o início de ações legais, que incluiriam o seqüestro de bens. "Os brasileiros que quiserem vir aos Estados Unidos terão que desembarcar no Panamá", disse, lembrando que se um avião brasileiro pousar em território americano pode ser confiscado.

Williamson considerou que "é difícil imaginar que os países industrializados aceitem dar garantias para títulos da dívida brasileira", que seria uma das condições para o programa de securitização apresentado pelo ministro Bresser Pereira em Washington, há duas

semanas, e rejeitado bruscamente pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker. Para ele, seria como premiar um país por sua falta de pagamento, e isso daria o exemplo para os outros devedores do mundo.

A sessão sobre o Brasil da Conferência sobre a dívida foi encerrada com uma certeza: o governo brasileiro e os banqueiros, não chegarão a nenhum acordo se não fizerem concessões mútuas. Passeando pelos salões do Hotel Westin, onde os três dias de reuniões estão sendo realizados, o vice-presidente do Banco Mundial, Shahid Husain, não quis falar sobre as próximas negociações entre o Brasil e os bancos credores. Quando um repórter começou a lhe perguntar "se, do fundo do coração...", ele cortou e disse:

"Eu não tenho coração" — e deu uma gargalhada quando ouviu o comentário de que "os brasileiros pensavam que quem não tinha coração era o FMI". Antes de afastar-se, Husain desmentiu que tivesse enviado uma carta para o ministro Bresser Pereira sobre o seu plano de securitização da dívida.

**Moisés Rabinovici, de
Washington.**